UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

LEANDRO AUGUSTO FERREIRA

NÃO CONSTA NOS AUTOS:

Narrativas dos processos de um psicólogo

Produto Técnico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista – como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

SANTOS
2020

LEANDRO AUGUSTO FERREIRA

NÃO CONSTA NOS AUTOS:
Narrativas dos processos de um psicólogo

Produto técnico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista – como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Henz

Santos

2020

Apresentação

Texto escrito pelo Prof. Sidnei José Casetto a respeito da dissertação e lido durante a arguição na banca de defesa, ocorrida em 26 de outubro de 2020; reproduzido aqui com permissão.

Este trabalho ao mesmo tempo entusiasma, emociona e angustia. Ele consegue mostrar a complexidade de processos da justiça, da verdade, do conhecimento e do poder. E as implicações numerosas de seus agentes. Tudo que pareceria liso e nítido e claro e distinto, ao primeiro olhar, torna-se campo de disputa de forças, denso de sentidos e de fatos devidamente constituídos por interpretações. Não há neutralidade, não há certezas, não há repouso em terreno seguro. Há deslizamentos, quedas, desequilíbrios. Ali onde esperamos o veredicto, o verdadeiramente dito, encontramos um lugar de caminhos tortuosos, perigosos, ameaçadores, assustadores. Pesadelo: o processo no castelo.

Os elementos oníricos atravessam o trabalho, mesmo nas narrativas, aparentemente tecidas com restos diurnos, no esforço de elaboração de um cotidiano profissional que gerou 6.000 páginas de laudos: "Esses escritos que produzi durante os anos são de um peso terrível". Talvez nem tanto pelo que está ali, mas por aquilo que ali não está, o que ficou fora dos autos, sem poder dizer-se. Daí talvez o inacabamento, a análise interminável, a voz que não encontra a palavra suficiente, um certo fracasso em terminar. Seria possível produzir 13 vezes mais, e outros volumes, mas, talvez, como se isso indicasse também que você teria encontrado um discurso possível para este vivido cheio de afetos.

Trata-se de um discurso que encontra luz e sombras em macroprocessos históricos. É como se você dissesse: nossos pequenos eus e conflitos e violências e afetos se configuram segundo lógicas mais amplas, gerais, comuns, invisíveis e imanentes. Não há esclarecimento pela metapsicologia dos personagens infames, mas pela produção social destas subjetividades. Então não são Sofia, Olavo, Adão, Cristal, Jade, Rita, Maria Júlia e L. que são desvendados pelos instrumentos técnicos, mas, por meio deles, nossas crenças, autoritarismos, violências, buscas por algum amparo. De certo modo, você gira a câmera e, ao falar dos casos, fala de si e de nós. De peritos ou testemunhas, nos tornamos o próprio objeto do processo.

SUMÁRIO

Inicial.....04

1.Sofia.....06

2.Olavo e Adão.....11

3.Cristal e Jade.....16

4.Rita.....27

5.Maria Júlia.....36

6.L.....39

Referências.....42

Inicial

> Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (...) (A narrativa) não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.
>
> Walter Benjamin

"Cada capítulo é um fracasso. E também um recomeço". É assim que Camus (2009, p.151) define o *Castelo,* trabalho de Kafka em perpétuo inacabamento, com infinitas possibilidades de análise. O castelo, inalcançável, está sempre mais uma milha distante, a viagem até ele é impossível, um contrassenso, um trabalho sisífico, pois se afasta dois passos a cada caminhado. Essas distâncias interessam a uma produção, sempre há outros mundos, signos, sentidos, muita vez distantes da concepção avistada ou aceita. E, após escritas, as narrativas pertencem a todo e qualquer um, são daqueles que as leem, que nunca o fazem de maneira indiferente ou neutra, e trarão seus mundos de visão para aqueles mundos ali constituídos, produzindo diversos encontros, criando outros mundos a cada vez, a cada caso. Melhor não fechar a *Gestalt.*

Essas são algumas linhas, problemas que percorrem este trabalho, e que aqui assume a forma de um "produto técnico", possibilitado a partir de uma pesquisa de mestrado profissional no programa de pós-graduação em Ensino em Ciências da Saúde. A dissertação de onde derivou e deslizou pelas frestas esses escritos, chama-se *Um psicólogo em processos: imagens justas e justamente imagens no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo* e se tratou de um arrastão de problemas *nos processos* de um psicólogo que opera no judiciário paulista. A pesquisa se desdobrou com a produção de narrativas verossímeis, escritas que trataram de casos tomados como verdadeiros. Cada capítulo da pesquisa procurou expressar e problematizar o "formato-autos", os traços abertos de um processo judicial em que as narrativas, as vidas em jogo, foram o fio condutor da investigação. Diferentes famílias e famílias díspares que emergiram na composição dessas imagens, portas para esses Castelos, mundos.

São narrativas que tratam do obsceno, ou seja, aquilo que não pode vir a cena, sendo que no caso específico dessa pesquisa, "cenas" são os autos dos processos, onde se

desdobram os encontros dessas vidas infames com um poder. Esses infames são os homens e mulheres sem fama, que por um motivo ou outro captaram/foram captados *sob* a luz desse poder e tem de se ver com ele. As narrativas buscam lidar com esses problemas, trazer *o que não consta nos autos*, por não poder constar e por se tornarem inverossímeis se constassem. Trata-se de vidas caso a caso, de viventes em cruzamento com um poder judiciário, com o saber-poder psicológico. As narrativas originaram cada capítulo, dando origem uma a uma aos seus *processos*, analisados em suas páginas.

E a escrita desses capítulos-processos se deram como belos e terríveis fracassos, belos e terríveis recomeços. Portas que se fecham e que se abrem, passagem por seus umbrais, limiares nesse castelo, que busquei atravessar com pés leves, objetivo, admito, nem sempre alcançado. Essas narrativas, essas vidas, foram crescendo ao serem cultivadas, peneiradas. De alguma forma, foram também uma "criação conjunta" com os muitos que habitam em mim e com os muitos que habitam em todos os viventes. Foi uma enorme alegria quando descobri seus nomes e pude vê-los se movendo e me movendo.

Cultivei narrativas por muitos anos num diário de campo, as vezes retornando a elas para podá-las ou reforçá-las, outras vezes deixando-as ao sabor do vento. Como as seis a seguir vicejaram para se tornarem capítulos é um mistério para mim, não se trata de um estrito ato de razão, talvez um lance em que a consciência teve um certo acesso, porém limitado. A primeira, de Sofia, por exemplo, originalmente nada mais era que um pequeno parágrafo com poucas linhas, um fragmento. A última, as de L., eram páginas e mais páginas com anotações diversas que por algum motivo se condensaram numa única narrativa maior.

Há algo de crível nesse trabalho de produção de narrativas, inesperado, vital. Há vida e sangue nessas linhas. São narrativas preocupadas com a sinceridade, "para além da verdade e da mentira".

Esse "produto técnico" se despe de conceitos, teorias, citações, análises. "Sobram" as narrativas, puras na medida do possível. Essa é a aposta e a proposta desse "produto". Que essas narrativas possam produzir efeitos diversos ao serem lidas sem qualquer indicação de sentido ou direção, nada que não esteja nas próprias narrativas, favorecendo encontros nos leitores que porventura se depararem com elas. Pretende-se, dessa maneira, propiciar discussões com profissionais e equipes que trabalham ou que pensam em trabalhar nessa área tão *complicada,* implicados com os problemas da maneira que ficamos, restando aberta sua leitura.

Eis as narrativas. E, como diria Espinosa, "falta o resto".

1.Sofia

Há tempos, um limiar…

Chego e ainda não estou lá. Nova carreira, nova cidade, tudo inaudito. Um ônibus indo para um lugar onde nunca estive. Parece que nunca vai chegar. E aquele fórum que não parece um fórum - pelo menos não a imagem de um fórum que me vem à mente quando penso nessa palavra, imagem justa, carregada de clichês - de todo modo me parece feio e escuro, dá a impressão de improvisado, construído originalmente para outro objetivo. Assumo a função de psicólogo judiciário e realizo uma perícia num processo. Esperam de mim e eu próprio tenho a expectativa de que com meu conhecimento e com meu trabalho possa trazer a "verdade aos autos". Uso uma sala que não é minha, naquele fórum que não me parece um fórum. Nunca havia atendido crianças antes. Não tenho experiência, nem profissional nem de vida, mas o que me falta em manejo me sobra em certezas.

A menina se chama Sofia e nossos caminhos se cruzam naquele prédio - um encontro. No processo que envolve Sofia ela figura como "vítima" – e assim ela é definida a todo o momento. A narrativa no processo diz que Sofia foi levada pela mãe a uma delegacia no meio da noite para denunciar seu pai. Nos autos a criança descreve em detalhes ao delegado o que o pai fez com ela, as diversas violências que sofreu. O pai é preso de imediato, em flagrante delito, levado de casa pela polícia antes do raiar do sol. Ele se defende dizendo ao delegado que é inocente e que está sendo caluniado pela esposa; que sofre uma injustiça; que a mulher coloca a filha contra ele querendo se vingar e que faz de tudo para acabar com a sua vida.

Fico sabendo desses detalhes quando o Juiz me chama em sua sala e me diz:

- Nós temos um problema. Um pai foi preso na delegacia acusado pela própria companheira de ter abusado da filha, só que agora a mulher voltou atrás, ela procurou o delegado e disse que era tudo mentira e queria que o marido fosse solto. O delegado me telefonou pedindo urgência, ele tem medo com o que pode acontecer com esse pai dentro da cadeia, ele está respondendo por um crime que não é aceito pelos outros presos e está numa cela à parte, mas o lugar não é seguro e pode ser invadido pelos outros a qualquer momento. Agora não sei o que fazer, se solto esse pai e mando prender a mãe por denunciação caluniosa ou se o deixo preso até esclarecer melhor essa situação, mesmo

correndo o risco dele ser inocente e acabar sendo morto, afinal, como vou saber se a mãe falou a verdade antes ou depois?

A pergunta permanece no ar e fica sem resposta. O juiz prossegue:

- Para mim é melhor absolver mil culpados do que condenar um inocente. Mas nesse caso, se eu errar e ele for realmente culpado, ele vai ficar livre para poder abusar da filha de novo, e aí é a menina quem vai sofrer. Você que é psicólogo, pode me dizer qual é a verdade?

Não respondo de pronto. Há muito em jogo. Fico olhando para o juiz, pensando no que falar. Por fim, sussurro inseguro:

- Doutor, posso entrevistar as duas e tentar entender o que está acontecendo.

Mãe e filha são intimadas com urgência e no dia seguinte comparecem ao Fórum. Sofia parece muito nervosa quando chega trazida por sua mãe. Peço para falar sozinho com ela. Ela usa uma blusa toda estampada e colorida e comento:

- Como é linda a sua blusa!

Sofia, acanhada e sorrindo ao mesmo tempo, responde:

- É, eu sei!

- O que está desenhado nela?

- São patins, eu adoro patinar, meu sonho é um dia ser patinadora profissional!

Continuamos conversando, sobre sua vida, sua família. Pergunto a ela se quer desenhar e Sofia diz que sim, fazendo um peixe e traçando as linhas de um aquário por último, deixando de colocar a água. Brinco que desse jeito o peixe vai ficar sem ar. Ela ri e responde:

- Eu tinha um peixinho mas ele morreu, o nome dele era Nemo.

Enquanto ela continua desenhando absorta com a cabeça abaixada, pergunto:

- Sofia, quem deu o nome do peixinho?

Sem levantar a cabeça do desenho, Sofia responde:

- Fui eu, eu adoro o desenho do Nemo.

- É? Como é a historinha do Nemo?

- Ele se perde do pai e o pai dele fica procurando o Nemo no mar.

- E como é o pai do Nemo?

- Muito legal!

- E o seu?

- Meu pai também é legal, mas às vezes não, às vezes ele me bate. Quando eu apronto ele me manda ficar de cara pra parede atrás da geladeira umas duas horas. Ele

agora está preso porque minha mãe me levou na polícia e falou pra eu contar que ele tinha feito um monte de coisas comigo, que tinha mexido comigo. Mas foi tudo mentira, ela que pediu pra eu falar.

- Eu li no processo que você fala muita coisa sobre o que aconteceu, deu muitos detalhes. Como você soube falar todas essas coisas?

- Eu inventei tudo.

- Inventou como?

- Inventei, imaginei tudo. Eu vejo muito televisão e sei o que é abuso, daí inventei.

- E agora?

- Agora eu estou falando a verdade. Meu pai não fez nada comigo, eu menti.

- Mas por que você mentiu?

- Minha mãe estava com raiva do meu pai porque ele tinha outras namoradas e queria que ele fosse preso para aprender uma lição.

- Qual lição?

- Não sei.

- Então quem mentiu foi a sua mãe?

- Foi, agora ela me disse que ela pode ser presa por causa disso, eu tenho muito medo, não quero que ela seja presa, não quero!

Sofia começa a chorar, cobrindo o rosto com as mãos. Ela evita olhar para mim.

- Sofia, eu preciso que você me conte a verdade, seu pai fez alguma coisa com você?

- Não, ele não fez nada. Minha mãe que fez eu mentir. Mas eu não quero que ela seja presa, nem ela nem o meu pai. Não é justo!

Sofia desaba. Deixo-a chorar por longos minutos. Fico olhando para o risco bem traçado de seu penteado imaginando quem a arrumou com tanto cuidado para vir ao fórum. Enquanto ela chora apoiada no desenho de uma casinha, suas lágrimas arruínam toda a folha de papel. O peixinho estava enfim cercado d'água. Peço para Sofia ter calma, uma calma impossível frente ao dilema que ela enfrentava aos seus oito anos de idade. Com seu choro já diminuindo para um soluço mais leve, pergunto se ela está melhor. Ela me diz que sim e eu peço para ela esperar lá fora, que eu precisava conversar com a mãe dela.

Abro a porta e Sofia fica esperando sozinha no corredor ainda chorando baixinho e usando as mãos como lenço enquanto sua mãe entra. A mãe de Sofia se senta com as mãos embaixo de suas pernas, tremendo a maior parte do tempo em que a entrevisto. Pergunto sobre a denúncia. Ela responde:

- Eu vou confessar para você, eu inventei tudo, não aguentava mais. Ele chegava bêbado em casa e me batia, ele não me respeitava. Eu fui me enchendo e a gota d'água pra mim foi quando eu soube que ele tinha outra. Fui tirar satisfação com ele e ele pegou minha outra filha bebê do meu colo e atirou longe, a menina bateu com a cabeça no chão com tudo. Ele ainda deu um chute nela quando ela estava caída. Eu fiquei tão louca da vida que peguei minha filha mais velha e levei ela na delegacia para denunciar o pai.

- Pelo que você conta seu marido já tinha cometido um crime grave, agredindo sua bebê daquele jeito. Por que inventar que ele abusava de Sofia e não falar sobre essa agressão contra sua outra filha?

- Eu inventei o que seria pior pra ele, que ele tinha estuprado a própria filha. Queria que ele fosse morto na cadeia pelos outros presos como o cão que ele sempre foi e que eu tivesse um pouco de paz.

- E por que você voltou atrás, por que disse que ele não tinha feito nada?

- Porque eu me arrependi, apesar de tudo que ele fez ele ainda é o meu marido e o pai das minhas filhas e elas não merecem que uma barbaridade dessas aconteça com o pai delas.

- A senhora entende a gravidade de se denunciar falsamente um crime?

- O delegado já me explicou que eu posso ser presa, mas se me prenderem quem vai cuidar dessas duas meninas?

Nos calamos e ficamos nos olhando. Enquanto olho para a mãe de Sofia, penso que forças teriam demovido aquela mulher para que enfim denunciasse seu marido, seja qual fosse o motivo, o estupro, a violência, a traição. Para ela, a culpa do marido estava além de qualquer dúvida e ele precisava pagar, com sangue de preferência. Cabia a Justiça simplesmente definir qual seria o crime, o artigo no qual aquele homem seria "enquadrado" e assegurar a execução. Entretanto, quando se arrependeu e quis retirar sua denúncia, essa mulher descobriu que isso não serviria de nada para salvar seu marido. Essa mãe sentia na carne o peso e o significado de um conceito jurídico com um nome que provavelmente consideraria complicado: "ação penal pública incondicionada", o que queria dizer que o escrutínio prosseguiria independente de sua vontade.

Pensar em tudo isso enquanto fito o rosto da mãe angustiada me produz uma imagem de que seu arrependimento pode ser o ensaio de uma reconciliação e enfim, quebrando o longo silêncio, pergunto:

- Vocês dois ainda estão juntos?

- Não sei, deixa ele sair da cadeia daí a gente conversa. Se ele tiver se arrependido e me pedir perdão eu perdoo ele. A bíblia diz "não julgue e não será julgado, não condene e não será condenado, perdoe e será perdoado".

Então, visivelmente irritada e incomodada, pela primeira vez a mãe de Sofia tira as mãos de baixo de suas pernas e dispara, arvorando-se na cadeira:

- E o que que isso tem a ver com o caso? Quer saber, se eu vou voltar ou não com o meu marido não é da sua conta. Da minha vida cuido eu. Quem é você para se intrometer na nossa vida?

Não respondo. Ao me despedir, mãe e filha partem juntas. Sofia ainda se vira com olhos úmidos ao cruzar a porta do fórum e é assim que nos vemos pela última vez. Nossos caminhos não voltarão a se cruzar, a não ser nos autos, onde permanecerão juntos como que cristalizados naquele momento específico do tempo.

Passados mais de dez anos, releio o laudo que escrevi acerca de Sofia. Não me reconheço naquelas descrições, quem era aquele? Hoje teria mais sutileza? As memórias parecem ser um campo ético-político-existencial editado, há trapaças, traições. Pensava ter agido com dureza, com uma sanha em busca de extrair a verdade de mãe e filha, de ter feito Sofia chorar quase de forma cruel, mas entre as marcas e os escritos há frequências distintas. As entrevistas com Sofia descrevem momentos de delicadeza, de leveza, mesmo com o peso que envolvia toda aquela situação. Apesar disso, aqueles escritos parecem demasiadamente adequados, justos e os revisando, percebo como outro aquele em mim que teceu a narrativa e, mais importante, que a força viva das vidas ali tocadas não consta nos autos.

2.Olavo e Adão

Havia chegado o momento na entrevista psicológica de, em conjunto com um casal, questionar suas preferências sobre como seria a criança que queriam adotar. Com a planilha em minhas mãos, perguntei:

- Vocês já pensaram se fazem alguma restrição quanto a cor da criança que vocês aceitariam adotar?

A mulher, segurando as mãos do marido, respondeu pelo casal:

- A gente aceita branca ou parda.

- Por que branca ou parda?

- Porque a gente quer uma criança que pareça com nós dois, que não destoe muito da gente.

- Tudo bem, posso deixar marcado branca e parda aqui e deixar em branco "preta", "indígena" e "amarela", é isso mesmo?

- Ah não, espera! imagina um indiozinho ou um japonesinho correndo pela sala, ia ser tão fofinho! Marca "indígena" e "amarela" pra gente também!

O marido permanecia sorrindo calado, enquanto continuava segurando a mão da esposa.

***

Acabei comentando esse trecho da entrevista com uma psicóloga do meu setor na hora do café. Ela, branca, loira e com olhos claros, contou que atendeu um casal junto com uma colega assistente social negra e que quando chegaram nesse quesito sobre a cor a mulher disse, olhando para seus olhos: "eu queria uma criança assim, igual a você, não igual a ela", voltando-se para a assistente social.

***

Dias depois fui chamado por um promotor de justiça em seu gabinete. Ele tinha uma questão para mim mas não foi direto ao ponto: antes me elogiou dizendo que gostava muito do jeito que eu escrevia, que quando ele recebia um processo em sua mesa em que eu havia atuado a primeira coisa que fazia era ler meus laudos psicológicos, pois

eu costumava fazer um resumo do caso logo no início do documento, o que lhe facilitava a vida. Entregava a ele o problema mastigado, deglutido e processado. Seria minha visão então que se fazia prevalecer naqueles processos em que ele devia fiscalizar e promover a aplicação da lei? Após educadamente me agradecer, o promotor puxou da sua pilha de processos um pedido de adoção formulado por um casal de homens. Abriu justamente nas folhas em que havia escrito com sua caneta vermelha, em letras todas maiúsculas, exageradas no tamanho e sublinhadas várias vezes com uma régua com seu questionamento: "**NO CASO DESSA ADOÇÃO SE EFETIVAR, QUEM SERÁ A MÃE DA CRIANÇA?**". Uma interrogação marcadamente identitária e com um modelo moral. Acrescentou, quando já deixava sua sala:

- Para mim, casal quer dizer homem e mulher! E para você?

Não respondi e a pergunta ficou no ar. Enquanto toda essa discussão acontecia dentro do prédio do fórum, o casal não imaginava que naquele momento a vida deles estava sendo posta em questão, junto de seus sonhos, desejos e motivações. Afinal, eles poderiam ser pais?

Mais tarde soube que Olavo era mais velho, um homem maduro. Era um engenheiro, respeitado e muito conhecido na cidade. Adão era mais novo, um cozinheiro muito bom, trabalhava em casa e fazia doces por encomenda. Ele parecia mais tímido e calmo que Olavo, que sempre que necessário tomava a frente do casal. Estavam juntos já há quase 15 anos.

Adão cozinhava quando o oficial de justiça foi à sua casa os intimando para que comparecessem ao fórum para serem entrevistados por um psicólogo, o que o deixou muito nervoso. Não gostava de ser avaliado e temia sofrer algum tipo de preconceito ou até mesmo ser perseguido naquele lugar. Esperou o esposo chegar em casa para contar a ele, os dois conversaram e Olavo disse ao marido para que ele se acalmasse, que daria tudo certo.

Na data agendada, Olavo e Adão chegaram juntos ao fórum, um ao lado do outro, sem qualquer contato físico, como se fossem apenas amigos. Pareciam inseguros frente àquela estranha sensação de serem avaliados. Chamei os dois e entraram na minha sala. Olavo se sentou a frente, enquanto Adão se sentava meio que de canto e encolhido atrás do companheiro. Eu disse:

- Oi, tudo bem?

Olavo respondeu seco pelos dois:

- Tudo.

- Fiquei sabendo que vocês querem adotar uma criança. Eu recebi o processo do pedido de inscrição no cadastro e vou fazer a avaliação psicológica de vocês. Eu sou o Leandro e sou psicólogo aqui do fórum. Vocês já participaram do curso de preparação para os pretendentes?

Olavo respondeu:

- Já, passamos uma sexta-feira inteira aqui no fórum com mais um monte de gente que quer adotar, o juiz e o promotor falaram e acho que algumas psicólogas. Foi muito bom, mas não gostamos de uma coisa.

- Do quê?

- As pessoas pareciam que ficavam olhando pra gente de um jeito esquisito, pareciam que ficavam nos julgando. Uma hora teve uma pausa para o café e eu percebi duas funcionárias dizendo, olhando bem pra gente, que achavam aquilo "antinatural". Não sei quem elas eram, mas eu fiquei louco da vida. Para elas a gente era uma aberração! Falei pro Adão que a gente já havia perdido, que não íamos conseguir ser aprovados, que a gente só ia ser humilhado aqui. E outros casais continuavam olhando pra gente, sem entender se a gente era um casal ou se estávamos ali sozinhos. Eu fiquei incomodado e teve uma hora que eu segurei a mão do Adão pra mostrar pra todo mundo que a gente era um casal. Daí ninguém mais olhou.

- E como foi passar por isso?

Olavo respondeu:

- Não foi nada bom, mas infelizmente a gente já está acostumado. Estamos juntos há muito tempo e já passamos por muita coisa, não vai ser isso que vai fazer a gente desistir. O próprio Adão nunca se abriu com a família dele sobre a nossa relação, eles acham até hoje que somos amigos, ou pelo menos fingem que acham. Lidar com a família é sempre difícil. Eu mesmo fui casado por quase vinte anos antes de conhecer o Adão e tive uma filha - hoje ela já é uma mulher crescida.

- Qual o nome dela?

- O nome dela é Sabrina. Quando me separei da mãe dela e fui morar com o Adão foi um choque pra ela. Ela ficou uns dois anos sem falar comigo, eu telefonava e ela não atendia. Um dia eu encontrei com ela na rua e ela virou a cara pra mim, fez de conta que não me conhecia. Eu queria morrer. Mas o Adão conversou comigo e me deu forças, disse que devia ser difícil para Sabrina, mas que ela ia acabar aceitando, que a gente precisava dar um tempo pra ela. O Adão foi tudo pra mim, ele ficou do meu lado e a gente passou por toda essa barra juntos, e juntos ficamos mais forte.

Ao terminar sua fala, Olavo segurou a mão de Adão e os dois se emocionaram. Permanecemos os três em silêncio. Com lágrimas brotando, Adão falou pela primeira vez:

- E hoje a Sabrina é minha melhor amiga. Ela fala que eu também sou pai dela e pra todo mundo que pergunta ela fala que tem dois pais. Ela até convidou nós dois pra sermos os padrinhos de casamento dela e no altar o padre ficou com a maior cara de tacho, não estava entendendo nada, nós dois de braços dados. Hoje a Sabrina é minha filha também!

O casal estava feliz e continuavam segurando a mão um do outro. Observei, enfim:

- Percebi que vocês se emocionam quando falam da Sabrina, parece que foi muito importante o reconhecimento dela. Ela já sabe que vocês decidiram adotar uma criança?

Adão respondeu:

- Sabe, fizemos questão da Sabrina ser a primeira pessoa a saber. Ela ficou muito feliz e disse que faz questão de ser a madrinha do bebê.

Quando chegamos ao ponto sobre o perfil da criança, Adão respondeu:

- A gente não tem preferência por raça, por cor. O que a gente quer é ser pais, é ter um filho, seja ele como for. Só queria que fosse pequenininho, queria viver toda a fase de dar banho, dar mamadeira, trocar fralda. É o meu sonho!

Ao final da entrevista me despedi dos dois, que saíram pelo corredor do fórum assim como chegaram, sem dar a mão um para o outro. Fiquei sozinho na minha sala e comecei a escrever o laudo para o processo do casal. Tenho hábito de escrever ouvindo música. Enquanto escrevia essas linhas, tocava *Beside You*, de Van Morrison, ressoando os versos "e eu vou ficar ao seu lado, ao seu lado criança, para nunca, nunca, nunca, imaginar, para nunca imaginar de todo, para nunca imaginar por que: porque tem de ser, tinha de ser"[1], e enquanto eu descrevia aquela entrevista com palavras "técnicas", tocava na rádio a alegre *Marchinha da família diferente* / *Presente* de José Miguel Wisnik[2]:

---

[1] Tradução livre de versos da canção *Beside You* de Van Morrison, do álbum *Astral Weeks*, 1968.

[2] WISNIK. José Miguel. *Adão e Eva*, marchinha homoerótica disponível em: https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/12/19/homoerotica-eva-e-adao-ou-marchinha-da-familia-ana-tatit-ze-tatit-ze-miguel-wisnik/.

Adão e Eva é a primeira invenção
Mas dentro dela já havia Eva e Adão
Parece nada, mas nessa inversão
Uma virada alterou a situação
Essa é a marchinha da família diferente
Muito contente de juntar gente com gente
Homem com homem, mulher com mulher
E essa ciranda, seja lá o que Deus quiser
Essa quadrilha seja o que a gente quiser
Eu quero simplesmente
Te dar um presente
A rosa dos tempos
Desabrocha
Desabrocha
Desabrocha novamente
Eu quero…

Na avaliação por escrito do casal, relatei que possuíam uma relação de afeto e respeito e eram plenamente capazes de criar uma criança. O laudo iniciou com um pequeno resumo da demanda do caso: "*O casal Olavo e Adão manifesta o desejo de ser incluído no cadastro da Comarca, visando adoção de criança dentro das características colocadas pelos mesmos em sua planilha".* Não sei se o promotor ficou feliz ou não com o resumo do caso ou menos ainda com sua conclusão. O que sei é que ele não teve como se contrapor daquela vez ao meu laudo, que estava "bem fundamentado" e reproduzia de maneira técnica e verossímil todo o afeto e companheirismo do casal. O promotor teve de ser seco em sua cota, concordando com que o casal fosse aprovado e fizesse parte do cadastro de adoção da Comarca. Dessa vez não escreveu em letras maiúsculas nem sublinhou com uma régua sua opinião. O juiz deferiu o pedido na sequência. Assim que Adão foi intimado sobre a decisão pelo oficial de justiça correu até o fórum e me achou em minha sala. Trouxe para mim algumas trufas que ele mesmo havia feito. Seu semblante estava iluminado, sorria e chorava ao mesmo tempo. Adão colocou a mão sobre seu coração e, respirando fundo, disse:

- Estou tão feliz, nem acredito!

Tempos depois um menino foi colocado em adoção e aquela família diferente foi ao abrigo conhecê-lo. Agora Olavo e Adão eram pai e pai da criança. Era o presente.

3.Cristal e Jade

Cristal entra em cena. Menina, dez anos de idade, família de classe média, estudante de escola particular. Órfã de pai e mãe, vive com a avó materna e com sua irmãzinha Jade, de cinco anos. A avó parece ser muito carinhosa e cuidadosa com as netas, o que causa perplexidade em todos quando a menina foge de casa e é encontrada perambulando pela cidade, sendo prontamente acolhida num abrigo. Cristal não é "do perfil" das outras crianças ali acolhidas: possui uma casa confortável e uma guardiã amorosa que suplica pelo seu retorno. Entretanto, como relata situação de aparente negligência e violência psicológica, faz com que o juiz da infância por cautela determine a continuidade de seu acolhimento e a perícia psicológica para esclarecer as queixas da criança. O juiz cogita, inclusive, o acolhimento da irmã menor, Jade, necessidade que o psicólogo judiciário verificará com seu estudo, que deverá ser realizado com a máxima urgência no melhor interesse das crianças e frente a possível situação de risco.

***

Cristal chegou ao fórum ao lado de uma monitora do abrigo. Enquanto organizava meus papéis e relia trechos do processo para iniciar sua entrevista, pedi para que me aguardassem no banco do corredor. Entretanto, podia ver pelo canto do olho que Cristal não conseguia ficar parada de maneira alguma, andando para lá e para cá enquanto a monitora repetia sem parar: "se aquieta menina, o homem já vai chamar". Poucos minutos depois, Cristal se colocou à porta com uma das mãos apoiada no batente e a outra na cintura, dizendo:

- E então? Você vai me atender logo ou não vai?

- Cristal, estou acabando de arrumar as minhas coisas aqui, já já te chamo.

- Vai demorar muito?

- Só mais um pouquinho.

- Tomara mesmo, eu não tenho o dia todo!

Sorrindo, com um ar ao mesmo tempo sério e divertido, Cristal permaneceu ali, parada na porta, me encarando. Quando enfim pedi para que entrasse, ela o fez bastante séria, colocando sua bolsinha com todo cuidado sobre a mesa antes de se sentar,

o que fez com muita cerimônia, como se estivesse em um importante evento social. Ao tomar fôlego para me apresentar, ela me interrompeu:

- Como é o seu nome?

- É Leandro.

- Hum, Leandro? Não parece nome de psicólogo. Você tem certeza que é psicólogo mesmo?

- Tenho sim.

- É que não parece. Que tipo de psicólogo você é?

- Do tipo que atende as pessoas no fórum.

Bastante atenta ao que eu anotava, Cristal começou a virar a cabeça para tentar decifrar minha caligrafia. Ao não conseguir, não resistiu e comentou:

- Sua letra é um horror, depois você consegue entender o que foi que você escreveu?

- Consigo na maioria das vezes, mas sabe que às vezes não? Minha letra é feia, mas fica pior ainda quando tenho que escrever rápido.

- Queria saber o que você tanto anota aí sem parar.

- Eu anoto tudo o que for importante que você me falar.

- E eu posso contar tudo para você ou tudo o que eu disser vai ser usado contra mim no tribunal?

Não consegui me conter e ri com vontade. Cristal, por sua vez, se mantinha séria, mas com seu sorrisinho no canto da boca. Comentei com ela:

- Estou vendo que você é muito esperta, parece até uma atriz!

- É, eu sei, todos dizem que quando eu crescer eu vou ser uma estrela, que vou fazer novela, já tenho até nome artístico!

- Tem sim. Quem te deu esse nome?

- Minha mãe, ela gostava muito de mim, mas ela já morreu.

- Quantos anos você tinha quando ela morreu?

- Era muito pequena, nem me lembro dela direito, bem pouquinho. Quando ela ficou doente viemos as três morar com a minha avó. A Jade era bebezinha ainda. No começo era bem legal, minha avó me tratava bem, até me deu um cachorrinho, que eu amo mais que tudo. Mas depois que a minha mãe morreu minha avó mudou, começou a ser má comigo. E eu só tinha a minha avó, não tinha nem pai nem mãe pra pedir socorro. Sentia muita falta deles.

- E a família do seu pai, Cristal?

- Nunca conheci ninguém. Parece que eu tenho primos e uma irmã, mas nem sei onde eles moram. Meu pai eu nem conheci, morreu antes de eu nascer. Mas eu sei que ele me amava muito, muito, muito!

- E como é morar com a sua avó?

- Minha avó parece uma velhinha joia, mas de joia não tem nada. Na frente dos outros ela me trata bem, fica falando: "Cristal, meu amorzinho, vem cá com a vovó, te amo minha baixinha", e sei mais lá o quê, mas quando não tem ninguém olhando você precisa ver o que ela faz comigo. É uma falsa! Você acredita que ela me chamava de ingrata, justo eu que fazia tudo o que ela pedia? Ela queria que eu fizesse tudo em casa, que lavasse, passasse e cozinhasse, e como eu ia fazer tudo isso e ainda ir para escola? Não dava, e tinha dia que ela me obrigava faltar pra cuidar da casa. E, ainda por cima, a minha irmã não fazia nada, não, ela é a queridinha da bruxa. Não é justo!

- Bruxa?

- É, minha avó é uma bruxa mesmo, é isso que ela é, fica mandando eu fazer tudo e não se preocupa comigo, não quer o meu bem, ela deve pensar que eu sou a Cinderela e ela é a minha madrasta. Daí um dia eu me enchi e falei pra ela que não ia fazer mais nada e que eu ia denunciar ela pro conselho, que a polícia ia vir lá em casa e que ela ia ver o Sol nascer quadrado. Eu fiquei gritando no quintal pra os vizinhos ouvirem: - criança não pode trabalhar, criança não pode trabalhar! Chama a polícia! Chama a polícia!

- E ela?

- Disse pra mim que se a polícia viesse ela ia ser presa e eu ia pra FEBEM e que iam levar a Jade pra adoção e que a gente nunca mais ia se ver. Daí eu falei "nem ligo, que essa chata vá embora mesmo!". Aí a bruxa ficou mais louca ainda, disse que eu ia matar ela do coração. E eu ria e ria e ela disse que eu era uma capeta e que eu estava possuída. Aí eu ri mais ainda e fingi que estava possuída de verdade. Eu deixava ela louquinha.

Nesse momento Cristal se levantou de sua cadeira e começou a dançar pela sala de um lado para o outro, com os braços estendidos como se estivesse possuída. De repente, tropeçou no pé da mesa e quase caiu no chão, se apoiando na cadeira.

- Acho que sua avó não gostava quando você fazia e falava essas coisas para ela.

- Nem um pouco, ela morria de medo que algum vizinho escutasse e denunciasse ela de verdade. Mas o que ela tinha medo mesmo era de perder a guarda da

minha irmã. Pra mim ela nunca ligou, dizia que eu tinha mesmo que ir pro abrigo ou para FEBEM, que eu ia virar “menina de rua”, ia ficar com os “noinhas” e ia acabar virando noiva de um, credo! Ela me xingava de “demônia”, dizia que eu era igual o meu pai que era um drogado e morreu de AIDS, que eu devia estar cheia de doenças que nem ele e não podia chegar perto dela nem da Jade senão as duas iam ficar doentes também. E tem lógica uma coisa dessas? Eu e a Jade não somos irmãs?

- E o que você fez?

- Eu tentei fugir de casa, daí a bruxa começou me trancar num quartinho no fundo do quintal à noite e me deixava sozinha e com medo. Só de maldade ela não deixava meu cachorrinho dormir comigo e dizia que ia deixar o portão aberto pra ele fugir. Eu não tinha cama, tinha que dormir numa madeira no chão com um colchão velho todo sujo. Lá tinha rato e tinha barata, um nojo! E quando chovia caía água em mim. Daí eu bolei um plano pra me vingar dela: um dia ao invés de ir pra escola eu fugi. Quando a Guarda me achou, eu chorei e chorei pro guarda e contei pra ele tudo o que estava acontecendo. Ele me levou no conselho e eu consegui fugir da bruxa e fui pro abrigo. Mas vamos parar de falar daquela chata. Leandro, me conta da sua vida.

- Da minha vida?

- É, como estão as coisas?

Cristal pegou algumas das minhas folhas de papel e tirou a caneta da minha mão e começou a me imitar, fazendo anotações do que eu falava. Parecia que eu me via num espelho.

- As coisas vão indo.

- Muito trabalho?

- Bastante. Estou atendendo uma menina chamada Cristal.

- Hum, Cristal? Que nome bonito. E o que está acontecendo com ela?

- Ela foi para o abrigo, ela falou que a avó dela estava tratando ela muito mal e que não queria mais morar com ela.

- Sei (anotando), mas e agora?

- Agora eu preciso entender o que está acontecendo para poder dizer para o juiz o que ele pode fazer para ajudar a Cristal, se ela deve voltar para a casa da avó ou se deve continuar no abrigo.

- Interessante, e você já se decidiu?

- Ainda não sei o que a Cristal quer. O que será?

- Não sei, não quero voltar pra lá, a não ser que a minha avó deixe de ser uma bruxa e fique boazinha. Eu só queria poder abraçar meu cachorrinho mais uma vez.

Quando Cristal falou sobre seu cachorrinho pude ver uma lágrima brotando de seus olhos. Entretanto, uma ideia estranha me ocorreu. Embora ela se fizesse forte e lutasse contra aquelas lágrimas, segurando o choro ao máximo, parecia que algo estava errado ali, que algo não se encaixava. De repente percebi o que me causava essa sensação peculiar: havia um colorido a mais naquele sofrimento, estava um tom acima do que deveria estar. Parecia atuado por uma ótima atriz, mas que em alguns momentos de sua performance exagera um pouco sem perceber, se traindo e se entregando pelo excesso. Fiquei com a imagem de que de alguma maneira estava sendo tapeado e enredado por Cristal, o que me deixou um pouco irritado.

Terminada a entrevista, Cristal saiu da minha sala como chegou, retirando sua bolsinha do tampo da mesa com muito cuidado, levantando-se vagarosamente, apertando desajeitada minha mão, com o braço exageradamente esticado. Antes de ir embora, disse:

- Tchau Leandro. Eu juro que só disse a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade.

Cristal saiu como um raio de luz da minha sala, com a bolsinha embaixo do braço como se fosse a pasta de uma advogada ou de uma juíza e carregasse um caso muito importante. Com passos largos e decididos, atravessou o corredor do fórum, e no processo deixou a monitora do abrigo bem para trás, que se levantou e correu atrapalhada atrás dela, pedindo para que a esperasse.

Cristal não olhou para trás.

***

No dia seguinte a avó veio ao Fórum com a netinha Jade. Jade parecia uma princesinha de conto de fadas, arrumada nos mínimos detalhes, com um vestidinho rosa com brilho e o cabelinho cacheado perfeitamente penteado, preso com uma tiara. Pedi para que Jade entrasse sozinha na minha sala mas ela ficou com medo, não querendo entrar de jeito nenhum. A avó disse:

- Ela está achando que vai tomar injeção!

Para facilitar, pedi para que a avó entrasse com a neta para iniciar a entrevista. Jade ficou agarrada no colo da avó e perguntei se ela queria desenhar. Ela não respondeu. Perguntei mais uma vez e ela olhou para a avó e começou a chorar. Chorava sentida,

soluçando, abrindo a boca daquele jeito que somente as crianças pequenas conseguem fazer. Peguei então uma folha e comecei a desenhar uma menina, com o vestido muito parecido com o dela. Ela começou a demonstrar interesse e olhava curiosa para a folha, enquanto ia parando de chorar. Perguntei seu nome e ela não me respondeu. Perguntei de novo e nada. A avó disse então:

- Fala bebê, o homem vai escrever aí!

A menina passou então a alternar o olhar com bastante curiosidade entre a minha mão com o lápis no papel e o meu rosto, mas permanecia calada. Perguntei então, como que para quebrar o gelo, quem havia feito os lindos cachinhos em seu cabelo - cachinhos que já haviam recebido elogios das outras pessoas que aguardavam para serem atendidas no corredor e até de uma das minhas colegas assistente social, que chegou a pegá-la no colo. Só então a menina falou algo, dizendo:

- Foi a minha mamãe.

Perguntei então:

-Mas qual mamãe?

A menina, virando os olhinhos como se eu tivesse perguntado a coisa mais óbvia do mundo e apontando com a cabeça para a avó, disse:

- Essa mamãe, a mamãe baixinha.

- Mamãe baixinha?

- É. Eu tenho duas mamães, a mamãe baixinha e a mamãe Ágata.

- E onde está a mamãe Ágata?

- A mamãe Ágata tava no médico, agora ela tá no céu. Eu queria ter uma escada para subir no céu, pra poder ver minha mamãe.

Jade, mais confiante, enfim saltou do colo da avó e se sentou sozinha na cadeira ao lado. Continuei desenhando e "quase sem querer" deixei alguns lápis de cor ao alcance de suas mãos. Jade pegou um lápis e eu estendi a folha para ela, que começou a desenhar em cima do meu desenho. Como vi que ela estava serena, pedi para que a avó nos deixasse sozinhos. Jade não esboçou nenhuma reação quando a avó enfim fechou a porta. Só então perguntei:

- Nossa, como você desenha bonito! Quem é essa que você está desenhando?

- É a minha mamãe, ela foi para o céu e virou uma estrelinha.

Mais confiante ainda, Jade começou a explorar a minha sala e, ao ver que dentro do porta lápis havia um palhacinho de brinquedo, disse preocupada:

- Eu tenho muito medo de palhaço. Esconde ele pra mim?

Eu disse que sim e o coloquei dentro de uma gaveta. Mais calma, Jade me perguntou:

- E você, do que você tem medo?

- Não sei, acho que de ladrão.

Muito sabiamente ela me respondeu:

- Mas o ladrão é só uma pessoa, não precisa ter medo dele.

- Você tem razão Jade.

- Tio, não quero ir pro abrigo, eu tenho medo. A Cristal tá morando lá mas ela é malcriada, ela está lá de castigo, mas eu sou boazinha. E a minha mamãe Baixinha falou que se eu disser pra você que quero continuar morando com ela que ela ia me dar de presente uma casinha de boneca.

Nada respondi e nada perguntei. Ficamos desenhando por quase uma hora, ela brincando que era a professora e eu seu aluno. Ela disse:

- O que é isso no seu pescoço?

- É o meu crachá

- Tira e guarda junto com o palhaçinho?

- Sim.

- Guarda esses papéis todos também? E a sua caneta?

Obedeci a Jade, deixando tudo na gaveta. Só brincamos então, sem falarmos mais nada.

***

Jade ficou entretida com uma casinha de bonecas na sala de brinquedos da seção técnica e a avó entrou sozinha para ser entrevistada. Assim que lhe perguntei sobre Cristal, a avó respondeu, quase sem parar para respirar:

- Ela é mentirosa! Mente que nem sente. Desde que a mãe delas morreu eu luto com essa menina, tento ensinar um caminho pra ela, dar um futuro. Mas minha mãe já dizia que “o fruto não cai longe do pé” mesmo. Acho que ela vai acabar igual o pai dela, que era drogado e morreu de AIDS. Foi o pai dela que passou doença pra minha filha e matou ela. Minha filha era limpinha, não fumava nem cigarro antes, nem sabia o que era droga. A Cristal não puxou em nada a mãe, essa menina é da pá virada, ela me dá muita dor de cabeça, ela inventa coisas, é mentirosa, me coloca em apuros o tempo todo. Deve ser o sangue ruim do pai dela. Ela ainda vai me levar pro caixão. Eu rezo todo dia

pra Deus dar um jeito nela mas não tem jeito. Ela começou a querer fugir então comecei a trancar ela num quartinho no fundo da minha casa, fechava até a janela pra ela não fugir, mas não adiantava. Levaram ela no Conselho e ela contou um monte de mentiras de mim, que eu maltratava ela, que fazia ela fazer trabalhos forçados, mas não era nada disso. Eu só pedia pra ela me ajudar. Você acha errado ela me ajudar? Eu já sou velha e ela pode me ajudar com o serviço. Na idade dela eu acordava com as galinhas no sítio e só ia dormir quando o sol se punha. Só estudei até a 4ª série, passamos dificuldades, mas nunca fiz nada errado na vida. Meu pai e minha mãe me ensinaram o que é certo e o que é errado. Eram rígidos mas eram justos. Fui criada a base de surra de açoite e de vara de marmelo. Meu pai dizia: "é de pequenino que se torce o pepino". Na minha época era essa a "vara da infância" e todo mundo temia pai e mãe, não tinha essa moda que tem hoje não. Vai ver que foi isso que faltou, eu nunca encostei o dedo nessa menina, ela tem de tudo e mesmo assim não me respeita. É uma mal agradecida, eu que cuido dela e da irmã dela sozinha. O juiz nem se importou com isso e tirou ela de mim sem nem me consultar se o que ela estava falando era verdade. Acreditou só na palavra dela, ninguém me chamou pra me perguntar o que eu pensava, pra saber a verdade. Eu fico pensando em todo aborrecimento que ela causou, como pode as duas serem tão diferentes, nem parecem que tiveram o mesmo pai e a mesma mãe. A Jade é o contrário da irmã, é um amorzinho e foi tudo o que me restou. Se vocês tirarem ela de mim eu morro! Está anotando tudo isso aí?

Respirando fundo, respondi:

- A senhora vai ter de ter um pouco mais de paciência, estou acompanhando o caso e quando terminar de atender a todos vou escrever um laudo para o juiz. Na entrevista a Cristal mencionou que sente falta da senhora e que gostaria de voltar para casa caso a senhora mudasse com ela. Falou também que sente falta do cachorrinho dela.

- Cachorrinho o quê? Depois que a Cristal fugiu de casa eu deixei o portão aberto e ele ganhou o mundo, não deve ter sobrado nem os ossinhos dele!

Aquele comentário sobre o cachorro foi demais para mim e dei por encerrada a entrevista. Acabei não conseguindo esconder minha irritação ao escrever o laudo desse caso. Conclui com essa mesma irritação que havia claros indícios de maus tratos e violência psicológica contra a criança, que a avó não apresentava qualquer crítica quanto à sua atuação como guardiã da neta e que naquele momento não havia qualquer possibilidade de seu retorno ao lar. Senti que minha mão "pesou" no laudo, mas, mesmo assim, não o amenizei.

***

Dias depois fui fazer uma visita domiciliar de um outro caso que estava acompanhando, um casal que queria ser aprovado no cadastro de adoção e a casa dos dois ficava no mesmo quarteirão da casa da avó da Cristal. Não resisti e pedi para que o motorista parasse ali para que eu desse uma "passadinha". Mesmo com o laudo pronto e entregue parecia que o caso não estava encerrado para mim. A avó pareceu surpresa quando viu a viatura do fórum com o escrito "PODER JUDICIÁRIO" destacado na porta parando na frente de sua casa. Atrapalhada com as chaves, não conseguia encontrar a certa para abrir o portão, enquanto dizia a mim que a Jade estava na escola. Respondi "que pena". Acrescentou que tinha achado que enfim haviam vindo buscar a neta. Respondi meio brincando e meio sério que se o juiz determinasse o acolhimento de Jade não seria eu quem apareceria na sua porta, mas um oficial de justiça (omitindo que provavelmente ele estaria acompanhado de alguns policiais). Já dentro do sobrado, pude ver na parte de cima o lindo quarto da avó e de Jade, todo decorado de rosa e repleto de bonecas cuidadosamente colocadas em volta de uma casinha de bonecas novinha. Havia na parede do quarto um quadro de alumínio repleto de fotos da família, com diversas de Jade e nenhuma de Cristal. Pedi para ver o quarto de Cristal e a avó me levou muito a contragosto ao fundo do quintal, dizendo que não sabia onde tinha colocado as chaves, depois que estava reformando o cômodo e ainda que ia mandar demolir aquele casebre. Após muito insistir, a avó me franqueou o acesso ao quartinho escuro de Cristal, onde a primeira coisa que capturou minha atenção foi a imagem de um estrado de madeira no chão e um colchão velho e encardido por cima (tanto que essa imagem nunca saiu da minha memória, sendo a cena que me vem primeiro quando penso no caso de Cristal). O cheiro de mofo era tão forte que me sufocou e eu precisei começar a tentar respirar pela boca. Além disso, o quartinho era abafado e o suor logo começou a brotar pela minha testa e a escorrer pelo meu rosto, empapando minha camisa. Olhando com mais atenção, percebi que a fiação era toda aparente, com aspecto ultrapassado de algumas décadas e dando a impressão de risco iminente de incêndio e a estrutura daquele quarto era de madeira visivelmente podre, parecendo que ia desabar a qualquer momento. Havia entulho num dos cantos, móveis e outros objetos inutilizados que formavam uma pilha de lixo. Não arrisquei me aproximar daquele canto, pois tinha certeza que havia ratos ali. Olhando para cima, dava para ver alguns pontos do céu através da telha metálica e pensei que quando chovia provavelmente a água caia sobre Cristal e, diferente da imagem poética da canção, que aqueles furos não deviam salpicar de estrelas aquele chão imundo para que Cristal pisasse nos astros distraída.

Ao retornar para a sala, finalmente consegui voltar a respirar. Quando já me preparava para voltar ao carro, a velhinha tirou de uma gaveta as cópias do meu laudo, e pude ver que estava todo grifado com caneta marca-texto amarela. Chacoalhando as folhas, gritava ao ler cada trecho marcado:

- Você não vai embora antes de me explicar isso. Olha aqui os absurdos que você escreveu de mim, olha aqui: “a requerida não apresenta crítica”, depois você escreveu “observo sinais de negligência e violência psicológica” e diz que “pratico violência” contra minha neta quando chamo o pai dela de drogado e aidético e que ela deve ter alguma doença também. Isso aqui são tudo calúnias! Afinal o pai dela não era mesmo drogado e morreu de AIDS? Eu sou culpada disso?

Respondi que ela deveria aguardar pela decisão do juiz e que se não estava contente com o laudo que o advogado dela poderia contestar aquele conteúdo. Saí daquela casa incomodado. Estava sendo confrontado com aquilo que havia escrito e essa não era uma sensação boa. Segui para a visita que havia planejado fazer inicialmente agora arruinado, com a camisa totalmente ensopada, louco para chegar em casa e poder tomar um banho e colocar toda aquela roupa para lavar, inclusive esterilizando as solas dos sapatos com álcool. Conversei com o casal pretendente à adoção ainda com Cristal na cabeça, pensando em como ela conseguia dormir trancada sozinha naquele quartinho.

***

Passado algum tempo, o juiz me chamou em seu gabinete e me convidou para ir com ele até o abrigo para que ele pudesse conhecer Cristal. O caso causava. No caminho, aproveitou para me perguntar sobre tudo aquilo que eu havia escrito sobre a família. Respondi ao juiz:

- O senhor deve se preocupar não só com o que está escrito ali, mas principalmente com o que não está escrito. Com aquilo que não posso escrever. Se eu pudesse, escreveria que a avó é como a Dona Benta, só que totalmente ao avesso, se a Dona Benta tivesse o hábito de espetar a Narizinho com alfinetes quando ninguém estivesse vendo. Que todo o amor que ela parece destinar para a neta mais nova é o avesso do que destina para a mais velha.

O juiz nada respondeu, virando o rosto e observando o trânsito. Mesmo o não dito grita moral.

Dias depois Cristal resolveu fugir do abrigo e foi parar no fórum. Eu estava na minha sala lendo um processo de divórcio quando a assistente do juiz telefonou pedindo para que subisse até o seu gabinete. Lá chegando, Cristal estava sentada à mesa de audiências do juiz, que ficava uns 30 centímetros acima do chão sobre um tipo de palco, e acenou sorrindo para mim:

- Oi Leandro! Quanto tempo. Como vão as coisas?

Cristal se apresentava e se deleitava com sua grande travessura. A diretora do abrigo chegou logo depois e, bastante constrangida, levou a menina de volta, não antes de Cristal se virar para mim e para o juiz e dizer, ao fechar a pesada e maciça porta da sala de audiências:

- Tchau, "Meritíssimo Excelência", tchau Leandro! Até a próxima.

Só faltou Cristal se curvar agradecendo a plateia: *Cristal take a bow!* Assim que a porta se fechou o juiz desfez o ar sério que havia mantido até ali e caiu na gargalhada:

- Era só o que faltava, essa menina é demais! Sabe que o laudo do senhor virou motivo de riso aqui no meu gabinete? Estava lendo o processo e comentei com a minha assistente que parecia que a raiva que o senhor ficou do caso transbordava pelas linhas. Logo o senhor que costuma escrever de uma forma tão sóbria e contida. Parece que esse caso foi demais para o senhor!

4.Rita

O pai e a mãe de Rita se separaram no ano passado. Sua mãe conheceu um rapaz bem mais novo e partiu, subindo um lance de escadas para o apartamento dele. Restaram Rita e o pai, que de uma hora para outra se viram “abandonados”. Rita, desde que a mãe foi embora, não queria mais vê-la, o que era muito difícil, já que continuavam morando no mesmo prédio.

Na primeira entrevista, atendendo ao pesado processo de divórcio litigioso, Rita veio ao fórum trazida pelo pai. Estavam sentados lado a lado no corredor quando a chamei:

- Rita, oi? Tudo bem? Rita?

A jovem não me ouvia. Tinha 14 anos de idade, estava com o uniforme do colégio e ouvia música nos seus fones de ouvido enquanto ficava com o pescoço curvado e a cabeça abaixada sobre a tela do celular. Seus cabelos eram bem longos e bem escuros e cobriam todo seu rosto, o que provocava um efeito curioso: ao interagir com a luz do aparelho, Rita era iluminada em partes desiguais. Seu pai deu um cutucão nela com o cotovelo e só então Rita levantou a cabeça e disse:

- Hein?

- Pode entrar, Rita!

- Ah, tá bom. Desculpa.

Rita enrolou o fio do fone em volta do aparelho e enfiou tudo de qualquer jeito na mochila. Entramos na minha sala e nos sentamos, um de frente para o outro, com a mesa entre nós dois. Eu disse:

- Rita, estou atendendo o processo de divórcio dos seus pais e das suas visitas. Chamei você aqui hoje para te conhecer e para conversarmos. Como estão as coisas?

- Bem.

- Bem como?

- Bem, ora.

- E o que você pensa sobre tudo isso que está acontecendo, sobre esse processo?

- Não penso nada.

- Nada?

- Nada.

- Sua mãe está dizendo que você não aceita mais visitá-la, que não quer mais ir para a casa dela. Isso é verdade?

- É.

- E por que você não está mais querendo ver a sua mãe?

- Porque eu não quero, ora! Ela abandonou a gente, deixou eu e o meu pai, e agora sou eu que tenho que ir atrás dela? Ela que tivesse pensado nisso antes.

- Ela te abandonou como?

- Ela resolveu viver a vida dela, disse que precisava ser feliz, que tinha o direito de ser feliz, daí saiu de casa pra viver com o amante dela.

- Seu padrasto?

- Ele não é meu padrasto!

- E como você chama ele?

- Não chamo de nada, ele não é nada, não é ninguém! Deixa os dois no canto deles e eu e o meu pai no nosso canto.

- Não tem nenhuma chance de você querer ir visitá-la?

- Visitar pra quê? Ela não quis sair de casa? Então, ela que viva com as consequências, que viva sozinha com ele. Eu nem me considero mais filha dela, eu tenho o meu pai e ele é tudo pra mim, não preciso mais de uma mãe. Me viro sozinha.

- Sua mãe deve sentir sua falta.

- Ela que pensasse nisso antes de abandonar a gente. Ela não disse que queria ser feliz? Feliz como sem mim? Pior que ela acusou a gente de "alienação parental", ela fala que eu não quero mais me encontrar com ela porque meu pai fez a minha cabeça. Até parece que alguém faz a minha cabeça. Eu não tenho direito de não querer mais ver ela?

- Rita, você não está sendo acusada de nada. Sua mãe entrou com o pedido de regulamentação de visitas porque queria te ver, porque disse que sentia sua falta e que sempre que encontra com você no corredor do prédio você vira a cara para ela.

- Viro mesmo!

- Então, não se preocupe tanto com o processo, o processo são os adultos que têm de lidar, cada um deles tem seu advogado para se defender.

- Mas meu pai me fala as coisas que ela escreve sobre a gente e eu fico louca de raiva. São um monte de mentiras. Ela quis viver a vida dela e agora eu quero viver a minha. Simples assim.

- Na verdade Rita, tudo que está escrito no processo são os advogados que escrevem e eles tem os motivos deles. A briga no processo às vezes não tem nada a ver com a vida real. Os processos e as vidas são como se fossem mundos paralelos.

- Mesmo assim continuo não achando certo que ela acuse a gente, e se meu pai for preso?

- Seu pai não vai ser preso, Rita. O que acontece nesses processos de alienação parental é que o juiz manda o psicólogo acompanhar a família para entender o que está acontecendo, por que os pais estão brigando e por que os filhos estão sem ver um deles. Eu preciso entender por que isso está acontecendo pra escrever um documento que se chama laudo e que vai no processo para o juiz ver quais medidas ele pode tomar.

- Seu laudo então também é um mundo paralelo?

- É, pode ser Rita, mas vou sugerir coisas que podem ajudar vocês, para tentar reaver a convivência que você tinha com a sua mãe, afinal você não gostava dela antes de seus pais se separarem?

Rita parou por alguns segundos e ficou pensativa. Seu semblante foi se alterando para algo mais ameno, os traços de raiva foram se amenizando:

- Sim, ela era minha melhor amiga, a gente passava o dia inteirinho juntas e fazíamos tudo juntas. Meu pai tinha até ciúmes de nós duas. Minha mãe me teve bem nova e todo mundo dizia que a gente parecia duas irmãs: a gente é muito parecida, sabe?

- Ainda não conheci sua mãe, ela vai vir aqui amanhã.

- Você vai ver.

Rita esboçou um sorriso. Toda a postura de revolta pareceu ter ido embora, ficando mais calma ao falar da imagem de sua mãe na sua infância. Aproveitei a chance e perguntei:

- E como você está se sentindo agora, como é passar por tudo que aconteceu?

- Me sinto sem ar, sufocada, não consigo respirar. Quando minha mãe foi embora parecia que eu ia morrer, eu sentia como se tivesse alguma coisa bem pesada em cima do meu peito me apertando. Mal tinha forças para conseguir chorar. Meu pai me levou no médico, que mandou fazer um monte de exames e deu tudo negativo, eu não tinha nada. Daí meu pai me levou numa psiquiatra.

- E te ajudou?

- No começo ajudou um pouco, ela me deu um remédio e de uma hora pra outra parecia que as cores tinham voltado, sabe? Até consegui voltar para a escola por um tempo. Antes eu estava vendo tudo cinza e ficava o dia todo deitada na minha cama

debaixo do edredom. Não tinha vontade de fazer nada, nem de ler, que eu sempre amei. Eu era viciada no Harry Potter!

- Sério? Não é da minha época, passei por pouco dessa fase.

Rita abriu sua mochila e pegou um objeto, uma varinha de condão.

- Essa é uma varinha que ganhei da minha madrinha. É engraçado, sei que não é mágica de verdade, mas eu gosto de sair de casa com ela, me sinto segura e lembra de quando a gente ainda era uma família.

Rita então começou a chorar, soluçando como uma criancinha. Com a face toda vermelha, sussurrou:

- Desculpa!

- Não precisa se desculpar Rita, pode chorar.

Os soluços aumentaram. Entreguei para ela alguns papéis toalhas que estavam na mesa. Aos poucos ela pareceu ir se acalmando e sua cor foi voltando ao normal.

- Desculpa.

- Já disse que não tem nada pra você se desculpar Rita.

- Você sabia que eu tentei me matar?

- Li no processo.

- Eu estava cansada de tudo e peguei o frasco do remédio que a psiquiatra me deu e tomei tudo de uma vez. Caí desmaiada no chão do quarto. Quando acordei estava no hospital, com o meu pai e minha mãe do meu lado. Foi a última vez que vi os dois juntos. Só que um não falava com o outro, eram como se fossem dois estranhos e eu fiquei pensando que queria não ter acordado. Eu...

Nesse momento começou a tocar o celular de Rita, a interrompendo. Pedindo desculpas mais uma vez, retirou o aparelho de sua mochila e olhando para a tela disse:

- É o meu pai!

Rita se curvou e pude ouvi-la murmurando:

- Não, pai... tá tudo bem ... estou bem... acho que já está acabando aqui ... já vou sair ... também te amo!

***

Rita voltou para o banco do corredor e para o seu celular. Chamei o pai na sequência. Ele veio até mim cabisbaixo, parecia derrotado. Trazia uma caixa de papelão

abarrotada e amarrotada embaixo dos braços, dessas tipo arquivo. Colocou a caixa sobre a mesa antes de se sentar. Perguntei:

- O que é isso?

- São as provas.

- Que provas?

- As provas que eu não faço alienação parental.

- Como assim?

- Guardei aqui tudo o que eu tinha, todos os documentos, imprimi todas as conversas, os e-mails. Tem fotos, anotações, tudo. O laudo da psiquiatra: minha filha te falou que ela tentou se matar por causa da mãe? Está tudo aqui para o senhor ver.

- O senhor pode deixar essa caixa aí, não vamos precisar dela. E, além disso, tudo que for importante o senhor pode mandar para seu advogado que ele junta no processo.

- Mas eu faço isso, é que de uns tempos pra cá ele parou de me atender quando eu ligo. Acho que vou ter que trocar de advogado.

- Bom, deixa me apresentar. Sou o Leandro, sou psicólogo aqui do fórum e estou atendendo esse processo de visitas da Rita.

- Minha filha te falou que a mãe deixou ela doente?

- Deixou doente como?

- Você não sabe que a minha mulher deixou a gente, conheceu um qualquer e foi embora de casa? Ela nem pensou na minha filha, foi embora só com uma mala. Quando voltei pra casa do trabalho percebi que tinham sumido as roupas dela e as maquiagens. Eu perguntei pra minha filha "onde sua mãe foi?" e ela não queria me responder, ficou fazendo de conta que não sabia. Daí eu apertei e ela me contou: "ela foi embora com o Rogério". Fiquei louco, subi até o apartamento dele e ela não queria me atender a porta. Chamei a polícia mas eles disseram que não podiam fazer nada, que ela era adulta e que podia fazer o que quisesse. Voltei para casa e fiquei sem saber o que fazer.

- E o que você fez?

- Nada. Esperei. Sabia que ela ia me procurar pra pegar as coisas dela que ficaram em casa. Daí eu chamei o chaveiro e troquei o segredo da fechadura. Ela que decidiu ir embora, então a casa não é mais dela, ora. Eu vasculhei todas as coisas dela, nos armários, nas gavetas, achei no computador um monte de mensagens e emails que ela trocava com o cara. A maior sujeira! Imprimi tudo e mandei pro meu advogado.

- O senhor sabe que traição não é crime, não é?

- Sei, é claro! Eu fiz o que fiz porque só me importo com a minha filha, não quero que ela seja exposta às sujeiras que a mãe fez com a gente. Já te contei que depois de tudo que a mãe fez ela conseguiu deixar a minha filha doente? Ela agora está numa psicóloga e tive de levar a menina numa psiquiatra. Ela não queria mais sair de casa, ir pra escola, só ficava o dia inteiro deitada na cama, dormindo. Ficou deprimida com a traição da mãe. Eu ouvi ela chorando aqui com o senhor. Ela te contou que ela tentou se matar?

- Sim.

- Minha filha tomou todos os remédios que a psiquiatra deu de uma vez, caiu desmaiada no chão do quarto. Eu ouvi e levei ela pro hospital. No quarto do hospital eu dei de cara com a mãe dela e ela fez de conta que não me conhecia. No hospital a minha filha nem quis ver a mãe. Eu fiquei morrendo de raiva, parecia que a mãe não estava arrependida do que fez. Acredita que a cara de pau ficou ali do lado da minha filha como se nada tivesse acontecido, como se ela não fosse a culpada!

- Bom, mas e agora, a Rita nunca mais vai poder ver a mãe na vida?

- Não, veja bem, aí é com ela, quem tem que decidir isso é ela, quando ela estiver preparada e vocês psicólogos acharem que não vai ter problema nenhum, que ela não vai tentar nenhuma loucura de novo. Só não acho justo. Ela conheceu o rapaz e foi embora viver a aventura dela, deixou eu e a filha a ver navios, não pensou na gente, só quis viver a aventura dela. Não tenho nada contra, mas se ela queria ir embora era só avisar, não precisava fazer as coisas pelas nossas costas. Nunca proibi da minha filha ir para a casa da mãe, mas sabe como é, né? Minha filha é mulher, eu fico preocupado com o que pode acontecer com ela ali, não conheço a índole do cara, do que ele é capaz. E se ele tentar alguma coisa contra ela?

- Tentar o quê?

- Você sabe, ele pode tentar se aproveitar dela.

- Mas algo lhe faz pensar nesse sentido?

- Não, mas tenho medo. Ela é minha única filha e não quero que nada de ruim aconteça. Se a mãe virou a cabeça e quis viver a vida dela, o problema é dela. A minha filha não tem nada a ver com os erros da mãe. Eu só peço que ela deixe minha filha comigo que eu cuido dela até quando Deus permitir e vou dar o melhor que eu puder dentro das minhas condições: a minha filha foi tudo que me restou. A mãe aprontou tanto que conseguiu deixar a menina doente. Já falei isso? Agora ela não quer sair de casa pra

nada e não quer ver a mãe de jeito nenhum. Estão me acusado de alienação parental, mas não é nada disso! Que posso fazer se a minha filha só quer ficar comigo? Quando estamos só os dois ela fica bem, parece que volta a ser quando era pequenininha, pede até colo pra mim. Ela até me chama de "pãe"!

- "Pãe"?

- É, que sou pai e mãe dela ao mesmo tempo. Ela se sente segura comigo. Mas é só a mãe pedir alguma coisa no processo que ela fica igual estava no começo, é só a mãe tentar se aproximar que ela piora e eu fico com medo que ela tente alguma loucura de novo. A psiquiatra e a psicóloga dela fizeram laudos pedindo para evitar esses contatos a todo custo. Os laudos estão todos aqui, quer ver? Não? Às vezes não acredito no que está acontecendo, parece até um pesadelo. Eu sempre fiz o melhor, sempre fiz tudo por ela, me anulei por ela, fiz todas as vontades dela. E é assim que sou recompensado. Depois de quase vinte anos juntos, ela disse que queria ser feliz. Mas feliz como longe da gente? E já falei que ela deixou a minha filha doente?

***

A mãe de Rita veio ao fórum no dia seguinte. Estava com o companheiro, que permaneceu esperando no banco do corredor enquanto conversávamos. Comentei com ela:

- Nossa, como você é parecida com a Rita.

- É todo mundo fala isso, que a gente parece irmãs.

- Como estão as coisas com ela?

- Estão difíceis, desde que eu me separei a Rita não quer mais me ver, ela foge de mim. A gente continua morando no mesmo prédio, mas quando ela me vê sai correndo e não adianta eu tentar falar com ela, ela faz de conta que não me conhece, que eu não existo. Outro dia ela subiu oito lances de escada só para não dividir o elevador comigo. Estou cansada disso. Tudo o que eu queria era poder ser feliz, não estava mais contente com o meu casamento, a gente ficou muito tempo casado e com o tempo fomos indo um pra cada lado, a gente não conversava mais, era como se fôssemos dois estranhos na mesma casa, viramos dois irmãos. Não era isso que eu esperava pra minha vida. Conheci o Rogério e ele era tão diferente, me ouvia, me dava atenção, se preocupava comigo. E eu me apaixonei. Isso é crime?

- Não.

- Então, mas para o meu marido era. Eu tentei conversar com ele várias vezes, inclusive antes de conhecer o Rogério, explicar que estava infeliz, que a gente precisava fazer alguma coisa, sei lá, procurar uma terapia de casal, mas ele não queria me ouvir, fingia que estava ocupado com alguma coisa da empresa, prestando atenção em outra coisa mais importante. Fui me cansando e um dia eu tomei a decisão. A Rita estava na escola e ele no trabalho. Eu arrumei as malas com as minhas roupas, minhas coisas e subi, fui para a casa do Rogério. Não quis levar mais nada. Deixei uma carta para a Rita explicando o que eu estava fazendo, que eu precisava ser feliz e viver a minha vida e dizendo que quando ela crescesse ela ia entender.

- E você conseguiu manter contato com ela?

- No começo sim, ela não queria entrar na minha casa, mas a gente saía, eu levava ela no shopping pra comprar roupa, batom. Ela sempre foi uma menina muito vaidosa. Mas de uma hora pra outra ela não quis mais me ver, não atendia o telefone, não respondia mensagem. Daí meu advogado me disse que o pai estava fazendo alienação parental e que eu tinha de processá-lo.

- E ajudou?

- Não, acho que piorou. A Rita entendeu que o processo era contra ela e se voltou contra mim, chegou a me xingar no corredor do prédio na frente de estranhos. Eu queria morrer. Hoje ela não me aceita e não aceita o Rogério. Eu tenho medo que ela cresça e nunca mais queira falar comigo, que eu nunca mais seja a mãe dela. Espero que conforme ela for amadurecendo ela perceba que o que fiz não tinha nada a ver com ela, que meu problema era com o pai dela e não com ela. Eu fui embora porque quis e perguntei se ela ia embora comigo mas ela disse que não, e não dava pra arrastar uma menina desse tamanho.

- Não, não dava. Quanto a isso, eu queria saber o que você espera com esse processo.

- Espero poder voltar a ter contato com ela, conviver em paz.

- Mas no que iria ajudar se o juiz entendesse que esse é um caso de alienação parental, será que de uma hora pra outra a Rita ia voltar a te ver, a ficar com você?

- Não sei, meu advogado falou que o pai precisava se responsabilizar pelo que ele estava fazendo. Eu não quero prejudicar ele, só quero ter a minha filha de volta.

- Então, o que será que vai ajudar sua família ter um pedaço de papel assinado por um juiz? Esse papel vai fazer sua filha automaticamente voltar a querer se encontrar contigo, vai obrigar Rita voltar a amá-la, voltar a querer ficar com você? A vida é muito

mais complicada que isso, e não é qualquer papel timbrado com uma assinatura que vai mudar isso. Você sabe que a Rita já é grande e mesmo com uma ordem do juiz vai ser difícil convencê-la a fazer algo que ela não queira. Não adianta nada a polícia ir até a casa do pai e retirar a menina à força e entregar para você. Se isso acontecesse, ela com as próprias pernas ia voltar para a casa do pai no primeiro minuto que pudesse, afinal, é só ela descer um lance de escadas. Não, o problema parece mais profundo que isso e não é um papel assinado que vai mudar essa situação como se fosse uma varinha mágica.

5.Maria Júlia

Maria Júlia brincava sozinha no último andar do prédio do fórum, justo ali, lugar quase que esquecido. Ao parar por um instante, percebeu encantada que o topo daquele prédio era em forma de pirâmide. A menina não tinha como saber, mas muitas décadas atrás o último andar não era abandonado e abrigava vários cartórios. O movimento parecia que nunca ia ter fim, com pessoas subindo e descendo esbaforidas pela escadinha, levando e trazendo sem trégua pilhas e mais pilhas de processos, acumuladas como torres até o teto, que se tornava cada vez mais baixo quanto mais se aproximava das suas bordas e vértices. Os cartorários tinham de ficar com os pescoços curvados e alguns usavam almofadas para não se machucarem no forro. Era até engraçado vê-los sobre os processos com os pescoços dobrados e Maria Júlia com certeza riria se os vissem assim. Nesse sótão não havia sinal de luz elétrica e a pouca iluminação vinha das frestas do teto - era realmente difícil enxergar algo naquela escuridão. Durante anos os cartorários brincaram entre si que as coisas eram assim porque a Justiça era vendada e não precisava de luz, mas que por isso mesmo vivia caindo, e sempre que alguém tropeçava todos riam! Mas Maria Júlia não se importaria com nada disso, ela só queria brincar. Mais crianças se juntaram a ela e todas brincavam alegremente, de esconde-esconde, pega-pega. Corriam por todos os cantos e faziam muito barulho, que parecia não incomodar ninguém. Uma velha, vestida de cinza, chegou com essas crianças e com elas permaneceu, enquanto rodopiavam ao seu redor. Essa era a imagem.

Eu saía do prédio, estava no elevador. Apertei o botão do térreo e senti um solavanco, o elevador despencou em direção ao chão mas não bateu, começando a subir lentamente, até o último andar, o sétimo. Assim que saltei, o elevador desceu e a porta permaneceu aberta. Senti medo e vertigem quando encarei o abismo e vi que era uma queda mortal: aquele poço não tinha fim! Eu sentia medo de cair e, apesar de querer, não conseguia sair dali. Com o coração saindo pela boca, vi algo que nunca havia visto antes: uma escadinha com uma correntinha toda enferrujada impedindo a passagem. Tinha certeza que aquela escada não existia, pelo menos não me lembrava dela, e puxei a corrente e subi, com uma coragem ou imprudência estranha a mim. Chegando lá em cima encontrei as crianças e fitei Maria Júlia brincando ao longe sob um facho de luz. Maria Júlia ficou muito feliz e veio correndo em minha direção, despreocupada com o perigo do poço do elevador que se abria e esperava por ela logo abaixo. Me vi então na sala do

meu setor. Estávamos todos juntos, em reunião. Eu estava com a cabeça abaixada, sonolento. Tentava me mexer, mas não conseguia. Me sentia angustiado e paralisado novamente. A sala estava iluminada, mas de um jeito engraçado, com uma luz fraca e meio colorida, que passava através dos vitrais empoeirados. Era mais igreja do que fórum (Estava numa igreja? Acho que era uma igreja). Agora era uma igreja. As vozes das pessoas pareciam vir de tão longe, como um coro, e me esforçava para entender o que elas diziam sem, no entanto, conseguir. Ouvi alguém chegando, tentando se fazer escutar no meio daquele caos, daquela dissonância, mas parecia que ninguém queria ouvir o que ela tinha para dizer – era a mais nova de nós. Justamente nessa hora, uma queda. O nome dela era Maria Júlia.

***

Maria Júlia morava com o pai, com a mãe e com o irmãozinho. O irmãozinho era muito pequenininho. Tinha quatro anos de idade. Quando os dois iam para escola iam com roupas compridas em pleno verão, escondendo os braços e os pescoços. Todos achavam estranho, até que os descobriram repletos de marcas:

- Foi o meu papai, dizia o pequenininho.

- Foi o pai, dizia Maria Júlia.

Por causa das marcas, pai e mãe foram chamados várias vezes em vários lugares, mas isso de nada servia e as marcas teimavam em reaparecer, os irmãos agora dizendo que haviam caído do muro, tropeçado da árvore, e as feridas eram sempre reabertas.

Um dia fui até onde moravam. A casinha ficava no meio do nada, no meio do mato, com todo o horizonte por de trás. Era solitária na paisagem, quatro paredes diminutas com um telhado cobrindo tudo. Cimento aparente, paredes chapiscadas, chão de terra batida. Parecia inacabada, em eterna construção. Mesmo assim, era muito organizada, organizada até demais - não havia nada fora do lugar, o que achava estranho numa casa com duas crianças pequenas. A mãe disse que o pai não estava, que estava trabalhando. Maria Júlia também não estava, estava na escola. O pequenininho, brincando e sorrindo com uma chupeta na boca procurava chamar minha atenção:

- Tio, olha, eu consigo subir em cima da árvore;

- Tio, olha eu dando pirueta!

Ele estava muito feliz comigo ali. Eu, por minha vez, dizia:

- Cuidado, você vai acabar caindo! Cuidado!

E antes que tropeçasse, o peguei nos meus braços, levando-o ao chão com todo o cuidado. Dias depois o pequenininho foi morto pelo próprio pai. Na peça da acusação estava escrito que o pai tinha por hábito espancar os filhos, dar castigos e correções e que a mãe nada fazia. Quando os filhos almoçavam, não podiam jantar - já haviam comido naquele dia. Só que a noite o pequenininho teve fome e pegou uma maçã, o fruto que era do pai. O pai o espancou pela desobediência e o jogou numa vala na frente daquela casa que parecia inacabada, onde passou a noite como que dormindo. Nunca mais acordou do seu sono. O pequeninho foi morto aos quatro anos de idade pelo próprio pai.

Quando encontrei Maria Júlia pela primeira vez após a tragédia, a menina me perguntou sorrindo:

- Tio, sabia que o meu irmão morreu?

Não consegui responder, pelo menos não com a fala, e sempre que recordo desse momento, dessa pergunta de Maria Júlia, minha garganta se ata num nó.

6.L.

Uma porta...

Um dia na vida errava por um imenso mangue, de onde despontavam fileiras e mais fileiras de casas, equilibradas em palafitas. Súbito, percebi que não sabia como chegar até onde devia ir, a casa de um caso, ao mesmo tempo em que me dei conta que não estava apropriadamente calçado para aquele terreno, meus pés afundando naquela terra movediça. No momento em que procurava convencer um menino que passava para que trocássemos nossos sapatos, já que os deles pareciam mais apropriados ao solo, acordei...

Agora atrasado para o trabalho, corria pelo apartamento arrumando um a um os quartos, a sala, a cozinha. Sempre que chegava num cômodo voltava ao anterior para levar algo esquecido ali, algo fora do lugar, numa tarefa que parecia não ter fim. Quando cheguei na sacada desabava um dilúvio, e desabei, deslizando pelo piso, me torcendo e caindo em mim com todo meu peso. A terra se espalhava por todos os lados e eu via todo meu trabalho arruinado num único instante, num único tropeço, toda pressa em vão. Não sabia se ria com a graça ou se chorava com a dor e vergonha daquela queda trágica e cômica.

Do chão me despencou uma imagem, a de uma porta, a porta do fórum, dourada e majestosa, com seus mais de quatro metros de altura. E "*Diante da lei está um porteiro*"[3]. Logo abaixo do umbral, nas escadarias, um menino e seu pai se abrigavam encolhidos no filete de sombra projetado pelo prédio. No silêncio do meio-dia o brilho era tamanho que machucava e escurecia a visão. Cerrando meus olhos, podia ver o pai esbravejando furioso contra o filho, como se o ameaçasse. Assim que chegou o horário e o porteiro enfim permitiu, os dois entraram no prédio.

***

Naquele dia lembro que cheguei ao fórum e, por acaso, vi esse pai e esse filho, logo identificando que eram o "meu caso" agendado. Como soube não sei. Intuição, acho. Assim que o pai chegou ao segundo andar, me interpelou com rispidez, dizendo que veio

[3] (KAFKA, 1997, p.261).

mas que já estava indo, que tinha de trabalhar. Partiu nada satisfeito, sem nem ao menos olhar para o filho, desconfortável no solitário banco de madeira do corredor. Deixou com ele somente uma ameaça, que iria descobrir "a verdade" e que seria ele a fazer "justiça".

O menino que ficou só com o aviso do pai se chamava L. Com quatorze anos de idade estava "em conflito com a lei", respondendo a um "ato infracional", acusado de estupro.

Seu semblante se iluminou no mesmo instante em que eu o chamei, entrando contente na minha sala. Quando disse a ele meu nome, ficou ainda mais satisfeito:

- Sério, tio? Show!

L. me disse que quando crescesse ia ser músico ou jogador de futebol:

- Só não gosto muito de estudar, a escola é um saco. Outro dia eu esculachei o professor de matemática (aquele folgado) e fui parar na direção. Quando eu cheguei em casa, meu pai me arrebentou todinho. Até tentei fugir mas ele me pegou de jeito e me moeu na porrada. Tio, meu pai me bate de fio, com cabo de vassoura, o que ele tiver na mão ele taca em mim. Ele diz que vai me ensinar ser homem, por bem ou por mal!

Perguntei a reação do pai quando soube da acusação que pesava contra ele:

- Vixi, ele ficou louco, minha irmã inventou que eu mexi com ela e agora meu pai não pode mais nem olhar pra mim, quando a tia falou pro meu pai ele me arrebentou na hora que eu abri a porta de casa. E ele me bate pra valer, de mão fechada, que nem homem. Olha essa cicatriz que eu tenho aqui no braço. Foi o meu pai que fez, ele quebrou meu braço com um pedaço de pau, fui parar no hospital pra enfaixar e a mulher falou que ia chamar o Conselho. Daí o meu pai respondeu "sabe o que esse moleque fez? Ele estuprou a minha filha. Chama mesmo o Conselho e aproveita e já leva ele pra Fundação". Meu pai sempre me bateu, mas pelo menos antes ele gostava de mim. Depois das mentiras da minha irmã, ele me abandonou, disse que não me quer mais lá e eu tive de voltar para a casa da minha mãe. Minha mãe também é fogo e lá na casa dela é a maior confusão. Não dá pra ficar lá não.

Perguntei então com quem ele gostaria de morar:

- Com o meu pai. Eu sempre vou pra casa dele, mesmo quando ele não tá lá, mas a tia ficou com o pé atrás comigo depois do que aconteceu e não me quer mais lá não. Meu pai também não está deixando eu ir pro mercado pra ficar trabalhando com ele. Tenho que ir escondido de bicicleta e ficar olhando de longe. Se ele me descobre ele me mata! Tio, eu não fiz nada com a minha irmã, é tudo conversa daquela mentirosa, ela fica sentando no colo dos meninos da rua, ela é safada, não sei com quem ela aprendeu fazer

essas coisas. Eu juro que não fiz nada. Ela quem inventou tudo! Eu nunca ia pôr a mão nela, eu odeio ela, ela não presta e por causa dela eu não estou mais podendo ver o meu pai direito. Tio, você vai me ajudar?

Disse que não sabia e que ainda ia falar com as outras pessoas da família dele, até com a sua irmã. L. me respondeu:

- Vixi, tu vai perder tempo com aquela chata, ela vai contar um monte de mentira e daí você também vai ficar com raiva de mim, vai acreditar em tudo que ela disser.

Respondi que não era bem assim e que precisávamos terminar, aproveitando a deixa para saber se ele tinha alguma dúvida ou se queria me perguntar mais alguma coisa. Feliz, o menino respondeu:

- Tio, então eu volto no mesmo horário na semana que vêm pra gente conversar de novo?

Respondi que não, que no fórum era diferente dos psicólogos dos outros lugares, que eu ia acabar de atender seu caso e ao final fazer um laudo que ia no processo e que a minha participação acabava aí. Complementei dizendo que "no fórum eu só vou te chamar de novo se eu precisar falar mais uma vez contigo, entendeu?".

L. ficou então cabisbaixo, escondendo seus olhos até então brilhantes com a aba do boné e limitou-se a assentir, evitando meu olhar. Por fim, acabou falando:

- Entendeu. É que eu gostei de conversar contigo, eu sinto falta de poder conversar com alguém.

L. saiu pela porta do fórum sem mais ninguém. Pela janela, pude vê-lo dobrando a esquina, parecendo mais animado a medida em que se afastava da sombra daquele prédio. Podia ver ele gingando os ombros enquanto andava, como se disputasse um lance ou dançasse, deslizando por entre um emaranhado de sonhos e memórias.

REFERÊNCIAS

CAMUS, A. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

KAFKA, F. **O Processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.